

A PRÉ-HISTÓRICA DOS BOTOCUDO DO ESTADO DE SANTA CATARINA (BRASIL)

Alexandro Machado Namem*

RESUMO: Os índios Botocudo (Xokleng) são hoje cerca de 400 indivíduos residentes na área indígena de Ibirama, Estado de Santa Catarina, Brasil. Durante pesquisa de campo etnológica que realizei entre os mesmos, em 1988-89, os nativos comunicaram-me da existência de sítios arqueológicos Botocudo e outros na região. Estes sítios estão ameaçados pelo lago da Barragem Norte (localizada no rio Itajaí do Norte) e pela exploração florestal. Além disso, desde a segunda metade da década de 1970 que os estudos de arqueologia pré-histórica estão praticamente parados nessa região. Sendo assim, faz-se urgente um estudo interdisciplinar (arqueológico e etnológico). O trabalho de salvamento arqueológico e o estudo de pré-história em geral seriam executados por um arqueólogo, e o mesmo trocaria experiências com um etnólogo que estudaria a organização social atual dos Botocudo. Quanto à pré-história, seria indispensável que a pesquisa fosse realizada no âmbito da prática de uma arqueologia de área na qual os sítios da região seriam correlacionados num contexto global.

Os Botocudo são hoje cerca de 400 indivíduos residentes na área indígena de Ibirama, localizada na região do Alto Vale do Itajaí, Municípios de José Boiteux e Vitor Meireles, Estado de Santa Catarina,

* Universidade Federal de Roraima.

1. Há também um pequeno grupo Botocudo residente próximo ao Município de Porto União (SC) ainda não estudado sistematicamente pela Antropologia
2. Por ocasião do curso de mestrado, realizei em 1988-89 pesquisa etnológica entre esse grupo indígena, a partir do que verifiquei serem as manifestações expressas pelos índios positivas e valorizadas, quando a língua portuguesa é utilizada, em relação ao termo Botocudo (conforme Namem, no prelo). Na língua nativa, o termo é *ãng koicá*, não sendo este tradução daquele.
3. Os grupos Timbira (Ramkókamekra, Apinayé, Krahô, entre outros), os grupos Kayapó (Menkrangnotí, Xikrin, Gorotíre, Txukahamãe, entre outros), os Xavante, os Xerente, os Xakriabá, os Kaingáng, os Botocudo, os Tapayúna, os Kreen-akorôre e os Suyá.

Brasil¹. Esses índios falantes de língua Jê, contatados em 1914, estão registrados na literatura antropológica, equivocadamente no meu entender, como Xokleng². Durante a pesquisa de campo que realizei entre os mesmos, os nativos comunicaram-me da existência de sítios arqueológicos Botocudo e outros na região. Estes sítios estão ameaçados pelo lago da Barragem Norte (localizada no rio Itajaí do Norte) e pela exploração florestal, o que demanda uma pesquisa urgente de salvamento arqueológico. Além disso, desde a segunda metade da década de 1970 que os estudos de Arqueologia Pré-Histórica então praticamente parados nessa região, requerendo continuidade, penso, a partir de uma abordagem interdisciplinar (arqueológica e etnológica).

Os grupos indígenas de língua Jê³ figuraram na literatura antropológica como “anômalos”. Embora apresentem culturas materiais simples e vivam em territórios onde os recursos naturais não são abundantes, eles caracterizam-se por formas de organização social bastante complexas.

Para Lévi-Strauss (1976), a organização social das sociedades simples deveria se caracterizar pela presença de metades exogâmicas, o que leva ao casamento com a prima cruzada simétrica. Entretanto, os grupos Jê aparentavam não possuir essa forma de casamento. Os Jê também são “anômalos” face às teorias relativas à terminologia de parentesco. Apesar de não possuírem linhagens (pelo menos na sua forma clássica), os Kayapó têm terminologia Omaha e os Timbira de Leste e os Xavante têm terminologia Crow (o que foge completamente ao padrão, uma vez que essas terminologias associam-se, respectivamente, à presença de patrilineagens e matrilineagens em outras partes do mundo). Além disso, as formas de residência pós-marital não podem ser correlacionadas a essas terminologias, tendo em vista que os grupos Jê moram de forma uxorilocal.

Mais recentemente, Maybury-Lewis (1979) coordenou uma equipe que pesquisou os índios Jê, para melhor entender os seus sistemas sociais. Essa equipe concluiu que os sistemas sociais dos Jê poderiam ser entendidos a partir de instituições como sistemas de nomeação, grupos de idade, associações de homens, entre outras, em detrimento das metades reguladoras de casamentos. Concluiu também que a opção por sistemas sociais dualistas é a característica que mais assemelha os vários grupos Jê.

Adotando outra postura teórica, Gross (In Margolis & Carter, 1979) argumenta que a organização social dos grupos Jê se caracteriza pela presença de “associações entrecortadas” e não pelo dualismo. Segundo ele, os grupos de idade, as amizades formais, as sociedades de homens, etc dividem as lealdades dos membros da sociedade, uma vez que, através dessas várias instituições, ora uma pessoa pode ser associada a uma outra pessoa, ora pode estar em oposição à mesma. Essas “associações entrecortadas” seriam uma maneira de evitar o faccionalismo em sociedades igualitárias que reúnem pessoas e grupos grandes temporariamente.

Os grupos Botocudo e Kaingáng foram deixados de lado nesse debate sobre os sistemas sociais Jê. Talvez esta omissão se deva às primeiras descrições desses grupos, as quais não faziam referências à presença de características típicas dos sistemas sociais Jê mencionadas acima.

Henry (1964) descreveu o sistema social Botocudo como não estruturado, tornando-os “anômalos” em relação aos demais grupos Jê. Para esse autor, a única unidade de cooperação estável entre esses índios girava em torno de interesses sexuais, alicerçando-se sobre esta base as “famílias- extensas”⁴, a ligação entre os companheiros de caça, bem como o controle pela opinião para preservar as características do “homem ideal” Botocudo, o *Waikayú*⁵. Apesar da sua posição de que os Botocudo estavam desestruturados socialmente, Henry apresentou esses aspectos como os meios preservados pelos Botocudo para manterem sua coerência e possibilidade de subsistir.

Possivelmente Henry caracterizou-os como desestruturados socialmente, por ter deparado-se com uma sociedade na qual parecia inexistir regras de casamento (já que praticavam simultaneamente diversas formas de casamento – poliginia, monogamia, casamento grupal, etc) (Henry, 1964:45), bem como grupos de parentesco claramente definidos, tais como linhagens, clãs ou classes matrimoniais.

4. Caracterizadas por Henry (1964:50) como “...made up of the descendants of two or more men who have intermarried and whose children have intermarried. Thus each family is closely inbred, and almost every member can trace his genealogy to one of the two or more male ancestors.
5. Segundo Henry (1964:113), o *Waikayú* é um tipo de homem auto-amoroso, que vangloria-se de si próprio e que desenvolve-se por estágios nessa sociedade.

Nimuendajú (1946:93) também fez referência aos Botocudo (chamados por ele de Botocudo de Santa Catarina!!!), considerando-os relacionados aos Kaingáng, mas diferentes dos mesmos em relação ao idioma ou cultura.

Posteriormente, Hicks (1966) analisou a estrutura do simbolismo Botocudo, a partir das categorias e dos princípios de classificação simbólica fornecidos por Henry, mostrando a existência de um princípio de oposições binárias que regulava o mesmo, ao contrário da falta de estrutura apontada por esse autor.

Na década de 70, Santos (1973) reconstituiu a história do contato dos Botocudo com a sociedade nacional, enfatizando o impacto do mesmo sobre as relações sociais e políticas entre os índios. Enfatizou também o sistema de nominação Botocudo como o mecanismo básico e fundamental para a operação da organização social e sobrevivência do grupo até o momento de sua pesquisa (Santos, 1973:229).

Concomitantemente, Eble (1973:63-74) estudou a pré-história desse grupo indígena. A carta arqueológica nos revelou uma migração do oeste do Estado de Santa Catarina para o leste, até a região de transição entre o planalto e o litoral catarinenses. De semi-sedentários no oeste, praticando uma agricultura de pequena escala à base de milho, feijões e abóboras, passaram a nômades, caçadores (com ênfase na anta) e coletores no leste. Esse processo modificou a cultura material dos Botocudo, uma vez que precisaram adaptar-se a um ambiente diferente. Esta adaptação se deu através de ocupações sazonais, em acampamentos de duração máxima de uma semana, expressas por diferentes complexos de cultura material, visando a subsistência ao longo do ciclo anual.

Estes dados já eram conhecidos por Eble quando da publicação do texto acima referido (que era um projeto de pesquisa), mas uma série de questões em aberto explicitadas no mesmo delimitavam uma problemática relevante para o entendimento da pré-história dos Botocudo em particular e do Alto Vale do Itajaí em geral (ver Eble, 1973:64-65).

Sabendo-se que o grupo indígena praticava agricultura e produzia material cerâmico no oeste e, por motivos desconhecidos, migrou para o leste, a sua trajetória e as modificações ocorridas durante a mesma e durante um determinado período de tempo precisariam ser estabelecidas. Mas os sítios arqueológicos na região do Alto Vale do Itajaí caracterizam-se pela ausência *quase* total de material cerâmico, o que

faz supor ter sido a mesma ocupada por grupos não-cerâmicos e provavelmente sem agricultura. Entretanto, os sítios que apresentam cerâmica (ver também Schmitz e La Salvia, 1973:197) teriam sido, então, intrusivos na área, ou representam a fixação inicial do grupo que migrou do oeste para o leste? Os sítios pré-cerâmicos representam as modificações vivenciadas pelo grupo que era agricultor e depois passou a ser nômade caçador e coletor? Ou representam a existência de outro grupo na região antes da chegada do grupo cerâmico? Esses diferentes sítios arqueológicos representam diferentes adaptações sazonais de um grupo que residia permanentemente na região, ou de grupos vindos de outras regiões?

E mais, levando-se em conta que os Botocudo lembram de uma época em que praticavam agricultura e produziam cerâmica, pode-se supor que os sítios cerâmicos da região em apreço pertencem aos seus ancestrais. Sendo assim, os sítios pré-cerâmicos deverão ser mais antigos e constituídos por outros grupos indígenas que não os Botocudo. Qual seria, então, o grau de contemporaneidade entre esses grupos, e quais as relações e orientações espaço-culturais estabelecidos pelo mesmo? Além disso, tudo torna-se muito mais complexo, quando considera-se que foi encontrada uma cerâmica não-tupiguarani na faixa litorânea, nas camadas superiores dos sambaquis (Beck, 1970) idêntica àquela encontrada no Vale do Itajaí (Piazza e Eble, 1968), e que os Botocudo deslocavam-se até o litoral em certas épocas do ano (Santos, 1973). Também no Alto Vale do Itajaí foram identificados sítios que podem ser chamados de sambaquis de moluscos de água doce (Eble, 1973) e um sítio cerâmico Tupi-Guarani (Eble e Scatamacchia, 1974). Ocorre que Eble não publicou os “resultados” da sua pesquisa.

Na seqüência, Urban (1978:339-54) pesquisou etnologicamente os Botocudo e afastou a “anomalia” da desestruturação, mostrando, a partir de reconstituição da história política, que o proto-sistema Botocudo - com dois grupos de perambulação, os *Waikòmang* e os *Kañre*, que representavam cada um uma patrimetade - conformava-se aos padrões Jê, sendo semelhante ao sistema Kaingáng.

Segundo Urban, por volta do final da primeira metade do século XIX, teve início um processo de fissão da estrutura de metades que acarretou modificações na organização social dos Botocudo. Devido à disputa por mulheres, os homens *Kañre* foram praticamente extermina-

dos pelos homens *Waikòmang*. Então, por volta de 1840, os *Waikòmang*, depois de incorporarem ao seu grupo as mulheres e as crianças *Kañre*, migraram do centro leste do Estado do Paraná para Santa Catarina. Essa incorporação de indivíduos implicou, inclusive, em transformações na proto-terminologia de parentesco Botocudo, que passou de termos que expressavam uma oposição diádica entre as metades para termos que passaram a expressar uma relação triádica entre parentes consagüíneos, parentes por afinidade e não-parentes.

Durante esse processo migratório em direção a Santa Catarina, ainda segundo Urban, os *Waikòmang* reagregaram o grupo de perambulação, modificando seu sistema de parentesco, mas não formaram mais a estrutura das patrimetades. A partir de então, a história política Botocudo é um processo de disputas faccionais que deu origem a três facções: *Angyidn*, *Ngrokòthi-tõ-prèy* e *Rakranò* (Urban, 1978:344-5 e 351, fig. 18). Estes grupos faccionais perambulavam num território que se estendia do Planalto Norte catarinense à Serra do Tabuleiro, SC (Urban, 1978:46, fig. 3)⁶. A facção *Angyidn*, também segundo Urban, corresponde ao grupo desaparecido, é possível, na Serra do Tabuleiro e sobre a qual não se tem mais informações precisas desde os anos 1920. A facção *Ngrokòthi-to-prèy* corresponde ao grupo contatado em 1912 próximo a Porto União e que aí reside até os dias atuais, conforme referido anteriormente. Já a facção *Rakranò* é o grupo que foi contatado em 1914 por Eduardo de Lima e Silva Hoerhan próximo a Ibirama (SC), e que hoje reside na área indígena de Ibirama.

O estudo de Urban foi realizado entre a facção *Rakranò* e, em relação à história política pós-contato com a sociedade nacional, o mesmo compreendeu o período entre 1914 e 1954. Já Santos (1973), que também estudou principalmente os *Rakranò*, reconstituiu a história do contato até mais ou menos 1970.

Mais recentemente, Werner (1985) examinou o impacto do contato sobre as formas de liderança entre os Botocudo, sugerindo que o contato tem influência sobre a herança de posições de liderança entre os mesmos, bem como nas sociedades indígenas em geral.

6. Eble (s.d.) confirmou, coincidindo com a carta etnológica, que o processo de adaptação através de ocupações sazonais ao longo do ciclo anual de subsistência, referido anteriormente, revela também esse extenso território de perambulação.

Em 1988-89, realizei pesquisa na área indígena de Ibirama (na qual residem também índios Kaingáng e Guarani, e um grupo Cafuzo) procurando entender, de maneira introdutória, o sistema interétnico aí configurado e suas implicações para os Botocudo, focalizando principalmente o processo histórico pós-1954 (Namem, 1991 e Namem, no prelo). Assim, reconstitui temas referentes à continuidade-mudança das políticas protecionistas estatais em relação aos índios; à exploração dos recursos florestais da área indígena; ao processo relacionado à Barragem Norte⁷, que trouxe problemas às populações da região; à consolidação da assistência religiosa na área indígena; aos casamentos intergrupais e à sucessão liderança indígena.

Ao longo dessa pesquisa conversei com os nativos sobre sítios arqueológicos, confirmando a existência dos mesmos na região. Ocorre que esses sítios, além daqueles já conhecidos, estão ameaçados pela exploração florestal e pelo lago da Barragem Norte, situado em área indígena, que se forma periodicamente para conter as cheias do Vale do Itajaí (embora a barragem não esteja totalmente concluída). A construção desta barragem ocasionou um dos maiores índices de stress psicossocial registrados no mundo em virtude de obras de Engenharia (Werner, 1985 e 1987). Como se não bastasse, até hoje não há nenhuma iniciativa no sentido da realização de um Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) que aponte, entre outras questões, a necessidade de salvamento arqueológico. Nessa região certamente existem outros sítios arqueológicos ainda não identificados, além daqueles levantados, cadastrados, prospectados e escavados em pesquisas anteriores.

Desta forma, segundo entendo, faz-se urgente na região considerada um estudo interdisciplinar (arqueológico e etnológico) de salvamento arqueológico e de pré-história em geral, não só Botocudo mas de tudo aquilo que “aparecer” a partir do levantamento e cadastramento dos sítios arqueológicos existentes dentro da cota de inundação do lago da barragem e fora dela, inclusive na área indígena. Vejo como profícua a

7. Esta barragem faz parte do Plano de Contenção das Enchentes do Vale do Itajaí, e está sendo construída no rio Itajaí do Norte ou Hercílio (conforme referido anteriormente). Desse plano fazem parte também outras duas barragens: a Barragem Oeste, localizada em Taió (SC), concluída em 1972, e a Barragem Sul, localizada em Ituporanga (SC), concluída em 1975.

realização de uma pesquisa sobre organização social atual dos Botocudo, levada a cabo por um etnólogo que troque experiências com o arqueólogo que estiver executando a pesquisa pré-histórica, e que ambos mantenham um diálogo constante com os estudiosos que os precederam.

Para tanto, seria importante considerar o estudo de Urbam (1978) e retomar as questões estabelecidas por Eble (1973) explicitadas acima. O material coletado e estudado por Eble encontra-se no Museu de Antropologia da UFSC em Florianópolis (SC), e todas as suas anotações pessoais estão em poder de Jeanete Jensen Eble (que reside em Florianópolis), uma vez que o mesmo faleceu, prematuramente, há cerca de três anos. Agora seria indispensável que essa pesquisa fosse realizada de maneira intensiva e estruturada, no âmbito da prática de uma Arqueologia de área na qual os sítios arqueológicos da região seriam correlacionados num contexto global (conforme Guidon e Arnaud, 1991; e Guidon, 1992), considerando que região aqui pode significar um extenso território que vai do oeste ao litoral de Santa Catarina, passando pelo Vale do rio Itajaí e suas imediações, bem como faixas do sul do Estado do Paraná e norte do Estado do Rio Grande do Sul.

ABSTRACT: *The Botocudo prehistory in the State of Santa Catarina (Brazil)* — The Botocudo Indians (Xokleng) presently number around 400 individuals living in the Ibirama indigenous area in the State of Santa Catarina, Brazil. During ethnological field research which I carried out among them in 1988-89, the Indians informed me of the existence in the region of archaeological sites of Botocudo and others. These sites are threatened by the lake formed by the North Dam (on the Itajaí do Norte river) and also by commercial forestry activities. Furthermore, ever since the late seventies, prehistoric archeology studies have been practically at a standstill in this region. This makes an interdisciplinary study (archeological and ethnological) an urgent necessity. The archeological rescue work and the prehistory studies in general, would be carried out by an archeologist who would share his findings with an ethnologist studying the present day social organization of the Botocudo. As for prehistory, it would be essential that research be carried out in the ambit of an archeological practice for the area that would correlate the region's sites in a global context.

Bibliografia

- BECK, Anamaria. Os sambaquis do Brasil meridional. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, Florianópolis, Ano III, nº 3, 1970.
- EBLE, Alroino B. Comunicação pessoal (s.d.).
- EBLE, Alroino B. Identificação arqueológica de padrões de povoamento e de subsistência na região do Alto Vale Itajaí - Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, Florianópolis, Ano VI, nº 6, 1973.
- EBLE, Alroino B., SCATAMACCHIA, Maria C. Sítio Cerâmico Tupi-Guarani no Vale do Itajaí (SC-VI-69). *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, Florianópolis, Ano VII, nº 7, 1974.
- GROSS, Daniel R. A new approach to Central Brazilian social organization. In: MARGOLIS, Maxime, CARTER, William ed. *Brazil: anthropological perspectives*. New York: Columbia University Press, 1979.p.321-42.
- GUIDON, Niéde. As ocupações pré-históricas do Brasil (excetuando a Amazônia). In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 1992.p.37-52.
- GUIDON, Niéde, ARNAUD, B. The chronology of the New World: two faces of one reality. *World Archaeology*, 23(2): 167-8, 1991.
- HENRY, Jules. *Jungle people: a Kaingang tribe of the Highlands of Brazil*. New York: Vintage Books, c 1964.215p.
- HICKS, David. A structural analysis of Aweikoma symbolism. *Ethnos*, [s.l.], p.96-111,1966.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1976. 537p.
- MAYBURY-LEWIS, David. ed. *Dialectical societies: the Gê and Bororo of Central Brazil*. Cambridge: Harvard University Press, 1979. 340p.
- NAMEM, Alexandre M. *Índios Botocudo: uma reconstituição histórica do contacto*. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.
- NAMEM, Alexandre M. *Botocudo: uma história do contacto*. Florianópolis: Ed. UFSC, Blumenau: Ed. Universidade Regional de Blumenau (FURB). No prelo.
- NIMUENDAJ, Curt. Social Organization and Beliefs of the Botocudo of Eastern Brazil *Southwestern Journal of Anthropology*, p.93-115,2(1), 1946.
- PIAZZA, Walter F., EBLE, Alroino B. Arqueologia do Vale do Itajaí (Sítio Cerâmico Rio Plate). *Blumenau em Cadernos*, 9: 6-14,1968.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. Florianópolis: EDEME, 1973. 313p.
- SCHMITZ, Pedro I., LA SALVIA, Fernando. Considerações sobre as culturas cerâmicas não Tupi-Guarani do Brasil Meridional. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, ano I, nº 1, 1973.
- URBAN, Greg [Gregory P.]. *A model of Shokleng social reality*. Dissertation (Doctor in Philosophy). Faculty of the division of the social sciences,University of Chicago, 1978.
- WERNER, Dennis W. Psycho-social stress and the construction of a flood-control dam in Santa Catarina, Brazil. *Human Organization*, [s.l.], v.44, n.22, p.161-7, Summer 1985.
- WERNER, Dennis W. As enchentes do Vale do Itajaí, as barragens e suas conseqüências sociais. *Cadernos de Ciências Sociais*, Florianópolis, v.7, n.1, 81 p., 1987.